



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

O QUE REVELAM OS ESTUDOS SOBRE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NO ESPAÇO ESCOLAR? UM ESTADO DA ARTE

Eixo Temático - 28 NARRATIVAS, GÊNEROS, SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO: ENCONTROS INSURGENTES / NARRATIVES, GENDERS, SEXUALITIES, AND EDUCATION: INSURGENT ENCOUNTERS (ONLINE)

Esp. Elder Jeferson da Silva 01 ¹
Dr. Sebastião Kennedy Silva Soares 02 ²

RESUMO

Esta pesquisa analisou a produção acadêmica sobre a violência contra a mulher no ambiente educacional com foco em narrativas de jovens estudantes. Os dados foram obtidos a partir de um estado da arte com recorte entre os anos 2019-2023 realizados no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Identificou-se a escassez de estudos que utilizem narrativas das alunas especialmente com recorte interseccional de raça, classe e gênero para discutir o tema com maior evidência nas regiões Norte e Nordeste. Dos 13 trabalhos encontrados, apenas um abordou diretamente o tema. As violências são frequentemente naturalizadas e pouco discutidas. Concluímos que a escola se destaca como espaço de transformação social.

Palavras-chave: Violência contra mulher; Educação; Narrativas; Escolares.

¹Especialista em Fundamentos Sociais e Políticos da Educação e Pós-Graduando do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, elderjs08@gmail.com;

² Prof. Dr. do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, sebastiaokenndy@yahoo.com.br.



DO REFERENCIAL DE VIOLÊNCIA A UM BREVE LEVANTAMENTOS DOS NÚMEROS SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA MULHER

Pensar e pesquisar a violência contra mulher de forma limitada ao sexo do sujeito ao nascer ou em espaços sociais e instituições específicas é de longe uma visão simplista e acrítica de se estudar este fenômeno, dito isto, Butler (2015) nos ajuda a compreender o conceito sobre a violência de forma mais abrangente, permitindo interseccionar este conceito ao da violência contra mulher e mais criticamente à violência de gênero combatida teoricamente por feministas a partir da década de 90.

A violência, segundo Butler (2015) é um conceito complexo, ligado a dimensões culturais, sociais e estruturais que vão além de ações físicas e explícitas ganhando outras dimensões, podendo incluir aqui a violência contra mulher dentro do ambiente escolar. Em sua visão, a violência pode ser tanto direta quanto indireta, atravessada por maneiras de desumanizar e deslegitimar as pessoas e suas performances de gênero e os demais marcadores sociais.

A violência, então, não se resume a atos físicos, mas inclui práticas discursivas e institucionais que negam a legitimidade e o valor a certos indivíduos e comunidades em detrimento de outros. Partimos do entendimento de Butler ao criticar o uso da violência em nome da “segurança” e “proteção” questionando entre outras questões da vida cotidiana, as políticas e práticas que afirma defender a paz e acabam reforçando dinâmicas violentas contra grupos marginalizados e excluídos historicamente.

Assim, para a autora e esta pesquisa, a violência e o poder são entrelaçados de maneira complexa, entender a violência contra a mulher exige atenção as estruturas, normas e discursos que moldam a forma como certas vidas são vistas e tratadas, daí a necessidade de ouvir e compreender as narrativas de jovens estudantes numa escola pública do interior da Bahia.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Saúde Sustentável



No contexto nacional a pesquisa realizada pelo Atlas da violência de 2023 aponta que estudos que orbitam sobre o tema da violência contra a mulher carece de maior aprofundamento, esta escancara a urgência de estudos mais aprofundados, com

uma base de dados mais abrangentes e completa para que se possa fazer um melhor enfrentamento dessa realidade de forma eficaz, esta pesquisa mostra entre outros aspectos que:

[...] existe ainda grande desconhecimento sobre a violência de gênero no Brasil. Nunca houve interesse dos governos em produzir, no plano nacional, uma pesquisa domiciliar com metodologia robusta, com amostragem aleatória e os necessários requisitos metodológicos para que as entrevistadas pudessem reportar verdadeiramente os fatos sobre esse tema tão delicado. Assim, o Estado termina enxergando apenas uma pequena parte do iceberg da violência contra a mulher no Brasil. (CERQUEIRA; BUENO, 203, p.41)

Assim, diversas pesquisas têm se debruçado sobre o tema da violência contra a mulher em diferentes contextos sociais, incluindo aqui a escola, algumas destas pesquisas já foram sinalizados ao longo desta pesquisa e outras foram levantadas neste estado da arte e serão apresentadas abaixo.

O Atlas da violência de 2023 evidencia e reforça a necessidade de estudos com uma metodologia abrangente e que sejam capazes de possibilitar e facilitar a “fala” das mulheres vítimas de violência, o entendimento é que uma pesquisa do tipo mista qualitativa e quantitativa sejam capazes de possibilitar a expressão de vozes silenciadas, quebrando a frieza e rigidez por traz dos números, tornando o enfrentamento dessas formas de violência mais eficaz e plural.

A pesquisa mencionada acima apontou que mais de vinte e quatro mil jovens entre de 15 a 19 anos de idade no Brasil em 2021 foram mortos, a Bahia é o segundo Estado brasileiro com maior prevalência de homicídios desse público, apesar de ser um dado abrangente, neste público juvenil encontra-se jovem estudantes em idade escolar. Ainda segundo esta mesma pesquisa, no Brasil em 2021 mais de três mil mulheres foram vítimas de feminicídio sendo a Bahia o Estado com maior número de crimes desta natureza com um total de 463 mortes de mulheres neste mesmo ano. Neste cenário de violência são as mulheres negras são as que mais morrem.



Diante do exposto, para a realização do presente estado da arte sobre “violência contra a mulher no contexto educacional a partir de narrativas de jovens estudantes” foi realizada uma pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) no período entre dez de agosto à quinze de novembro de dois e vinte e quatro.

Tivemos como objetivo, realizar uma busca sistemática por dissertações de mestrado e teses de doutorado que investigasse a violência contra mulher no contexto educacional a partir das narrativas de estudantes. Utilizamos o método booleano a partir dos descritores: "violência" and "mulher" and "educação" and “estudantes” and “narrativas” de estudo realizado e publicados nos últimos cinco anos compreendendo de 2019, 2020, 2021, 2022 e 2023.

Conforme Romanovski e Ens (2006, p.43), o estado da arte é “Um levantamento e uma revisão do conhecimento produzido sobre o tema, é um passo indispensável para desenvolver um processo de análise qualitativa dos estudos produzidos nas diferentes áreas do conhecimento.” Essas autoras ainda destacam como uma característica importante do estudo da arte o seu viés descritivo e analítico, compreendemos também que ao fazer o estado da arte sobre determinado tema, o pesquisador processa as informações levantadas a partir de sua experiência e subjetividade deixando evidente a forma e o interesse de como de investiga determinado fenômeno.

A partir do levantamento e análise dos trabalhos encontrados, buscou-se explorar as abordagens teóricas e metodológicas utilizadas nas investigações relacionadas à violência contra a mulher, sobretudo no contexto educacional, através de narrativas de estudantes, observando entre outros elementos o gênero dos autores, regiões em que foram desenvolvidas as pesquisas, procedimentos de análise e coleta de dados entre outros elementos constitutivos das pesquisas.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade
V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade
V Luso-Brasileiro, Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

O levantamento teve como objetivo explorar as perspectivas existentes sobre o tema investigado, bem como apontar novas perspectivas de estudo para fornecer subsídios para o desenvolvimento da pesquisa em andamento intitulada “Entre o dito e o vivido: a

violência contra a mulher no contexto educacional por meio das narrativas de jovens estudantes de uma escola pública em Vitória da Conquista – BA”. Também buscou-se ampliar o referencial teórico existente até o presente momento, para aprofundar o conhecimento sobre a temática, por meio de novas referências e contribuições relevantes oriundas das produções acadêmicas.

Os dados coletados em estudos do tipo estado da arte indicam a atenção que os pesquisadores dão à temática, além de apontar para que aspectos da área de educação voltam-se a preocupação dos pesquisadores. Apontam os temas, subtemas e conteúdos priorizados em pesquisas e mostram a necessidade de algumas pesquisas, ou seja, mostram que alguns temas são quase totalmente silenciados. Os estudos de estado da arte evocam aspectos pontuais como o curso ou área de formação com sua proposta específica. Mostram, ainda, temas que têm preocupados os pesquisadores. (ROMANOVSKI; ENS, 2006, p.45).

Como critério de inclusão para este estado da arte, foram considerados todos os trabalhos publicados nos últimos cinco anos, por representarem um recorte temporal atualizado sobre o tema. O Catálogo de Teses e Dissertações da (CAPES) foi a base de dados investigado, sendo neste momento considerado como fonte de dados apenas pesquisas acadêmicas por seu caráter de ineditismo e sua abrangência nacional das pesquisas. Os estudos selecionados deviam conter as palavras-chave "violência" and "mulher" and "educação" and "estudante" and “narrativa” de modo a atender aos propósitos da pesquisa.

Como critério de exclusão foram retirados os trabalhos que tenham sido publicados acima do período descrito de cinco anos, que estavam fora do tema de pesquisa proposto, trabalhos que não foram localizados a partir dos descritos anteriormente citado e pesquisas não disponibilizadas de forma completa.

A análise dos trabalhos encontrado foi realizada a partir da Análise de Conteúdo definida por Bardin (1977), esta é uma técnica de pesquisa qualitativa que tem por objetivo interpretar, categorizar e entender as mensagens presentes em um conteúdo de forma sistemática e objetiva. Esta técnica permite que se extraia o significado de

pesquisa, a análise foi feita apenas dos trabalhos encontrados no banco de dados da CAPES alinhada ao interesse desta pesquisa.

Num primeiro momento foram selecionados 13 trabalhos, sendo 10 dissertações e 3 teses, estes trabalhos ficaram agrupados em planilha em Excel organizados na seguinte ordem: título da pesquisa, nome do autor, ano da publicação, categoria da pesquisa em mestrado ou tese, seu repositório, instituição do programa de pesquisa, Estado da instituição da pesquisa e o link do repositório do trabalho.

Para os trabalhos que representavam o interesse desta pesquisa foi feito o download e armazenados em pasta criada em um computador exclusivamente para esta finalidade. Em seguida analisou-se os resumos, os que ofereciam maior aderência a pesquisa, os trabalhos foram novamente reagrupados e analisados. Após o segundo agrupamento os trabalhos foram postos em ordem alfabética para serem analisados separadamente observando os aspectos já apontados acima.

A região Sul teve maior número de trabalhos depositado no Catálogo de Teses & Dissertações – CAPES selecionado para nossa análise, esta região tem um total de 3 pesquisas publicadas, sendo duas de mestrados e um doutorado, a região nordeste possui duas dissertações e nenhuma de doutorado seguida de uma dissertação da região Norte. Estes dados corroboram com os achados de Ferreira e Nunes (2010) ao realizar um levantamento dos trabalhos publicado do GT-23 das Reuniões da ANPEd que versão sobre a produção acadêmica sobre gênero e sexualidade. As mulheres estão entre as principais pessoas que pesquisam sobre esta temática.

DOS RESULTADOS À ANÁLISE DOS TRABALHOS SELECIONADOS

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Saúde e Sustentabilidade

Todos os descritores foram pesquisados de forma dispersa. O descritor "violência" foi o primeiro pesquisado, revelou um grande número de produção nos últimos cinco anos com um total de 6.687 trabalhos incluindo as dissertações de mestrado profissional. Para esta pesquisa foram analisados apenas trabalhos de cunho acadêmico,

sendo eliminado as dissertações e teses com recorte profissional. A tabela abaixo agrupa tanto os estudo acadêmicos quanto os profissionais para que tenhamos uma visão geral das pesquisas realizadas em território nacional, desta forma, chegamos a um total de 4.170 dissertações e 1.474 teses, estes números evidenciam um crescente interesse por este tipo pesquisa nos últimos cinco anos por pesquisadores de programas de mestrado e doutorado no Brasil mostrando sua relevância e interesse.

Ao acrescentar o descritor "mulher", o número de trabalhos diminuiu de forma significativa para menos da metade quando considerando o descritor anterior, representando um total de 2.069. Dos trabalhos encontrados sendo 1.347 pesquisas de dissertações de mestrado e 366 de teses de doutorado. Esse dado revela que mesmo o interesse por pesquisas voltadas para as formas de violência ser de grande no Brasil, quando se faz um recorte de gênero, esse interesse diminui e pode sugerir que a interseção entre violência e questões de gênero ainda é insuficientemente explorada em pesquisas nacionais no campo da pós-graduação que investiga questões relacionadas ao atravessamento da violência e mulher.

À medida que o foco da pesquisa foi sendo refinado, adicionou-se o descritor "educação" o que resultou em uma nova redução no número de trabalhos publicados considerando os últimos cinco anos de pesquisa. Assim foram levantados um total de 298 estudos, destes 171 foram dissertações de mestrado e 81 teses de doutorado. Foi possível constatar que o interesse por pesquisas sobre violência contra a mulher no espaço educacional é recorrente desde 2019, porém existe a necessidade de maior homogeneidade nos estudos envolvendo novas perspectivas e sujeitos nas análises.

Ao incluir o descritor "estudante", a análise revelou uma grave lacuna em pesquisas que priorizem o ambiente educacional tendo como colaboradoras das pesquisas as jovens

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

estudantes. Foram encontrados apenas 11 trabalhos e apenas 2 teses de doutorado representaram 11 trabalhos e apenas 2 teses de doutorado.

O último descritor pesquisado foi “narrativa”, este, igualmente ao descritor estudante, revelou um impacto ainda mais grave entre as pesquisas de pós-graduação no

Brasil, pois, foi encontrado apenas 1 trabalho de doutorado publicados nos últimos cinco anos e este com acesso não autorizado. Isto revela que apesar da narrativa ser utilizada como uma metodologia e ferramenta de pesquisa, esta, quando utiliza para publicar experiências de violência vivida por estudantes no ambiente escolar é subutilizada.

Desta forma, é possível adiantar que existe uma necessidade emergente de ampliar pesquisas que utilizem da metodologia narrativas com foco em jovens estudantes, principalmente em temas que ligam e atravessam questões de violência, mulher e jovens estudantes no ambiente escolar, além de se incluir novas categorias de análise como a região geográfica, questões étnico raciais, idade dos sujeitos pesquisados e metodologia de levantamento dos dados. Abaixo segue quadro resumido das informações apontadas.

Total de trabalhos encontrados

Descritor	Total de trabalhos encontrados	Mestrado	Doutorado	2023	2022	2021	2020	2019
Violência	6.687	4.170	1.474	1.550	1.392	1.335	1.151	1.259
Mulher	2.069	1.347	366	534	471	403	317	344
Educação	298	171	81	74	67	64	45	48
Estudante	13	11	2	0	1	1	2	0
Narrativa	1	0	1	1	0	0	0	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Esta análise evidencia uma importante lacuna: foi encontrado apenas um estudo que investiga a violência contra a mulher no ambiente educacional a partir de falas/narrativas de escolares, este dado sustenta a necessidade de ampliar as pesquisas que possibilitem a narrativas dessas estudantes e legitima a importância desta pesquisa em andamento.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



Na primeira etapa da pesquisa foram selecionados trabalhos para análise e discussão. Apesar do baixo número de pesquisas selecionadas para a análise, o resultado foi considerado satisfatório, tendo em vista que foram selecionados seis trabalhos. Destes cinco foram resultantes de dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. No entanto,

uma dissertação e a única tese foram excluídos das análises, pois, os trabalhos não possuíam autorização para divulgação, não podendo assim serem acessados.

Trabalhos selecionados na primeira análise

Cód.	Autora(o)	Título	Link de acesso	Local da pesquisa
D1	COSTA (2022)	Nossas preciosas: violência de gênero, práticas pedagógicas e acolhimento de mulheres estudantes no ensino médio integrado no IFRN	https://portal.ifrn.edu.br/documents/13303/maria_carolina_xavier_da_costa.pdf	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
D2	SENA (2022)	Representações sociais da violência contra mulher: relatos de estudantes da EJA da rede pública municipal de ensino de Manaus/AM	https://tede.ufam.edu.br/handle/tede/9122	Universidade Federal do Amazonas
D3	SCHNEIDER (2022)	Trajetórias Sociais e Educacionais de Mulheres Vítimas de Violência	https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10152	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
D4	TASSINARI (2020)	Mulheres estudantes universitárias em situação de violência de gênero e a rota crítica para o seu enfrentamento	https://repositorio.ufsm.br/handle/1/22229	Universidade Federal de Santa Maria
D5	SANTOS (2020)	Ocorrências violentas nas relações afetivo-sexuais de jovens estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana – BA	https://periodicos.uefs.br/index.php/semic/article/view/8667	Universidade Estadual de Feira de Santana
T1	RUIZ (2022)	Representações sociais das estudantes de pedagogia sobre violência contra as mulheres	https://sucupira-legado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoconclusao/viewtrabalhoconclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13610935	Universidade Estadual de Maringá

Fonte: Elaborado pelo autor.

Chegou-se à conclusão de que existe uma demanda vultosa por pesquisas que envolvam a temática da violência contra mulher nos últimos cinco anos no Brasil acompanhando tendências globais.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade



No entanto, essas pesquisas, gênero, saúde e sustentabilidade da significativamente quando realizadas em ambiente escolares e ainda mais quando as investigações ocorrem sob o prisma de jovens estudantes, com suas narrativas, subjetividades e afetações envolvidas. Dessa forma, das seis pesquisas encontradas sobre violência contra mulher no ambiente

educacional incluídas no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES entre o período de 2019 há 2023, foram selecionados e analisados apenas quatro trabalhos, isto porque, os demais trabalhos, apesar de considerarem a violência contra a mulher como objeto de estudo, não foi possível verificar como estes estão entrelaçados com as narrativas de escolares e suas manifestações dentro do espaço escolar.

REFAZENDO O CAMINHO DO CONHECIMENTO E REESCREVENDO NOVAS HISTÓRIAS

Partindo da análise do trabalho de Costa (2022) é possível constatar que existe uma falta de conhecimento aprofundado de como as práticas pedagógicas estão lidando com a violência de gênero no ambiente escolar, esta autora investigou o contexto da educação profissional (EP) ao olhar para a realidade do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), este fato foi apontado a partir de seu estado da arte realizado durante sua pesquisa e posteriormente apresentado em formato de resumo expandido num colóquio.

O estado da arte desta autora resultou em oito trabalhos encontrados e voltados para a temática de violência de gênero em ambiente EP. Assim, constatou-se que existe uma lacuna sobre como a violência de gênero é abordada ou tratada nas instituições de ensino profissionalizantes e este dado acompanha os demais níveis de ensino no Brasil como será discutido a seguir. A autora afirma que essa área de pesquisa ainda é pouco explorada, apesar de contribuído com estudos anteriores.

Nessa direção, ao tentar diagnosticar a produção científica acerca da violência de gênero no contexto da EP, o presente texto soma-se aos ainda escassos estudos em torno das temáticas do corpo e do gênero na Educação Profissional, conforme apontam Lima Neto, Gleyse e Cavalcanti (2018), Souza e Lima Neto (2019) e Sampaio e Lima Neto (2019). (COSTA, 2022, p.28)



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



Nesse sentido é imperativo reconhecer a necessidade de alinhar as práticas de ensino com um compromisso mais profundo com a formação humana de modo integral dos/das estudantes. Dessa forma, novas pesquisas se mostram como um caminho que permite entre outras coisas o cruzamento entre os dados levantados, para que assim

se aplique na prática pedagógica e políticas públicas de formas mais assertiva quando o assunto é o enfrentamento a violência contra mulher em instituições escolares.

Um dado que merece destaque levantado por Costa (2022, p.35) é o fato de que “o tema da violência de gênero vem ganhando destaque nas produções acadêmicas nos últimos anos, o que significa um avanço, embora ainda seja pequeno o número de pesquisas na área.” reforçando a necessidade de novas pesquisas. O estudo de Costa (2022) levanta a um outro dado de grande relevância ao revelar o perfil de quem pesquisa, mostrando que são as mulheres as mais interessadas sobre a temática da violência de gênero e reforçando os achados desta pesquisa em andamento.

Para sustentar sua discursão em torno da violência contra mulher e violência de gênero Costa (2022) faz uso de uma linguagem poética e acadêmica. A linguagem poética traz um tom mais humano, mas não menos direto e doloroso para falar de fatos que mancham a história das humanidades, assim, Evaristo (2007) é evocada e muito bem posicionada na abertura da seção “Violência de gênero e educação profissional” para tratar de forma interseccionada sobre o tema de pesquisa proposto.

Em seguida a autora referenciada por Rauter (2001), Foucault (2006) , Odália (2012), Muniz (2012), Albuquerque Junior (2012), Minayo (2013), Barbosa (2015), Rosa (2017), Flores (2017) Bernaski e Sochodolak (2018), Federici (2019), Chaui (2019) e Silva (2020) realiza uma leitura histórica da violência com início na Idade Média, passando pelo papel da Igreja católica, segue pela devassidão ocasionada pela primeira e segunda guerra mundial e retorna ao Brasil colonial e o processo de escravização de índios, negros e a hipersexualização dos corpos femininos negro apontando lugar que estas mulheres ocupavam e ocupam na sociedade e discorre, “Portanto, como podemos ver, em determinados momentos históricos, ações violentas foram e podem ser toleradas

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

e naturalizadas pela sociedade.” (Gênero, Saúde e Sustentabilidade) do caráter institucional que as formas de violência se estruturam e aponta seu viés racial, e continua “O que fizemos até agora foi percorrer a violência em torno dos mais vulneráveis, as mulheres, na caça às bruxas, a dizimação dos indígenas, a escravidão dos negros, o holocausto.” (COSTA, 2022, p.54).

É a partir das autoras Chauí (2019), Silvia Federici (2019a, 2019), Julie Thomas (2018), Saffioti (2015, 1979), Nilo Odália (2012), Farge (2011), Michel Foucault (2010, 2006, 1988), Minayo (2013), Judith Butler (2003), Bernard Charlot (2002), Joan Scott (1995) e apoiado nos dados estatísticos disponibilizados pelo Ministério da Saúde (MS) e Atlas da violência de 2017 e 2019 que se inicia a discursão conceitual da violência contra a mulher e de gênero. A autora aponta que para estes autores as dimensões morais, éticas, históricas, psicológica, físicas, raciais, institucionais, políticas entre outras compõe e atravessa as formas de violências vivida pelas mulheres do passado e do presente realizando suas análises a partir da Análise Textual Discursiva (ATD) a partir de Moraes; Galiuzzi (2006).

Para contextualizar a teoria com as experiências de violências vividas por mulheres, sejam elas crianças, jovens ou adultas a autora recorrer novamente a arte, desta vez a cinematográfica a partir do filme Preciosa: uma história de esperança e nos faz a seguinte leitura,

Os dados comprovam que a violência é algo recorrente na vida de crianças, adolescentes e mulheres adultas, principalmente as do sexo feminino e negras. Ressalta-se também que na maioria dos casos, as ocorrências acontecem no próprio lar e o agressor é alguém conhecido e do sexo masculino. As vítimas sofrem muito, contudo, grande parte das vezes omitem e/ou negam a violência por medo e insegurança. Outras delas não reconhecem que estão sendo violentadas e só compreendem anos depois. Quando não buscam ajuda, acabam carregando sequelas que estarão consigo pelo resto da vida. (COSTA, 2022, p.58).

Apesar das diferenças teóricas utilizada por Costa (2022), a pesquisa se concentrou nos pontos em que elas se convergem, especialmente no que se refere às problemáticas relacionadas à vida das mulheres e às dinâmicas das relações de gênero e seus atravessamentos. Ou seja, as autoras foram utilizadas em conjunto, buscando as



convergências em suas análises sobre as condições de violência contra as mulheres e suas vivências dentro das estruturas sociais, políticas, educacionais e das manifestações do poder.

A partir das contribuições de Costa (2022), nós ao estudarmos a violência contra a mulher no ambiente educacional por meio das narrativas de jovens estudantes percebemos que avançamos no que foi proposto Costa (2022, p.38) em sua pesquisa

quando esta diz que “[...] é preciso sensibilizar-se com a realidade vivida pelas nossas estudantes, mas mais necessário ainda, é dar voz às minorias violentadas, silenciadas por medo e insegurança.” e inovamos ao realizar nossa pesquisa a partir das narrativas das estudantes, contribuindo para o campo teórico.

A referida pesquisa alcançou o objetivo central proposta e conclui que “Ao longo do estudo, diagnosticamos o silenciamento e as ausências da violência de gênero na EP, nos documentos institucionais como o PDI e o PPP. No PDI, não obtivemos nenhum resultado sobre as expressões “violência” ou “violência de gênero”. (COSTA, 2022, p.153), a pesquisa em questão reforça a necessidade de se articular diferentes estratégias para o enfrentamento da violência de gênero nas escolas de ensino profissional, mostra ainda a impotência das jovens estudantes quando não se existe um ambiente que propicie uma voz ativa, seja de forma individualizada, em grupo ou coletivo.

O trabalho de Sena (2022) demonstra como a educação pode ser sinônimo de autonomia e liberdade para as mulheres reforçando os achados de Costa (2022) tendo como pano de fundo a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse sentido, a autora buscou investigar por meio dos relatos de estudantes da (EJA) as Representações Sociais sobre a violência contra a mulher, a partir da teoria de Moscovici (2003) em escolas públicas da cidade de Manaus no Amazonas partindo dos resultados da entrevista semiestruturado contendo seis questões abertas para complementar seu levantamento de dados.

Para realizar o estado da arte, fundamentação teórica e epistemológica a autora levantou na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD e Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES estudos que versasse sobre o tema. Bardin (2006) foi



utilizada para realizar a análise de gênero, e os dados estatísticos relacionados, a autora também recorreu ao

Diário Oficial da União - DOU, Ministério da Educação – MEC, Câmara dos Deputados Federais, Diário Oficial do Estado do Amazonas – DOE, Diário Oficial do Município de Manaus – DOM, Polícia Civil do Estado do Amazonas – PC/AM e Fórum Brasileiro de Segurança Pública – FBSP, onde foram mapeadas, identificadas e analisadas as legislações previstas no ordenamento jurídico brasileiro em relação ao enfrentamento da violência

contra mulher e a modalidade da Educação de Jovens, Adultos/as e Idosos/as, bem como os anuários e relatórios oficiais relativos a temática em questão [...] utilizou-se também como fonte, os dados estatísticos relacionados à violência contra a mulher, disponibilizados pelo Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas – TJAM. (SENA, 2022, p.26)

Nesse sentido, o estudo de Sena (2022) mostrou ter uma fundamentação teórica e metodológica robusta, apontando entre outros elementos o papel que os órgãos públicos e políticas pública tem tanto no enfrentamento da violência contra mulher no ambiente educacional quanto na construção e divulgação de dados que possibilite um melhor enfrentamento e problematização desse problema social, político e educacional. Para tanto utiliza Bardin (2016) e Moscovici (2003) para categorizar e analisar as falas e documentos em sua pesquisa. Sua fundamentação teórica no campo da violência contra a mulher e de gênero é composto por autores como: Cheim (2019), Ventura (2019), Matos (2010), Pinto (2003), Chauí (1985), Santos; Izumiro (2005), Saffioti (2005) e Bantler (2003).

A autora relata ter encontrado dificuldade no acesso à informação junto ao Tribunal de Justiça do Estado do Amazonas – TJAM apesar dessas informações serem garantidas por lei específica, este fato reforça quanto que precisamos avançar para garantirmos acesso a informações para o desenvolvimento de pesquisas para contemplar o maior número possível temas que represente melhor a grandeza do Brasil e toda sua diversidade, neste caso, em especial a violência de gênero.

Sena (2022, p.30) ao fazer sua reflexão teórica sobre o movimento feminista e seu papel no combate à violência contra a mulher compreende essa forma de violência “[...] a partir de fatores sociais, históricos, culturais, políticos e subjetivos, entretanto, o/a pesquisador/a não pode se limitar a nenhum deles, buscando realizar uma



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



problematização ampla e abrangente atual sobre violência contra a mulher não revela o longo caminho trilhado pelo movimento feminista para visibilizar as violações sofridas por estas, tanto no ambiente privado como no público” (SENA 2022, p.30), nesse sentido, possibilitar a narrativa de jovens estudantes e utilizar dessa como fonte primária para teorização, significa, entre outros elementos não se

enrijecer em padrões de pesquisa limitantes, onde não é a/o pesquisador/a que fala pelos sujeitos da pesquisa.

Colocando em sua pesquisa as vozes de quem foi silenciada, possibilitando que estas pessoas que performam uma identidade feminina saia do lugar de oprimida e como pessoas libertas, sejam referenciadas e potencializadas pelo fazer científico, dessa forma, concordamos que

A teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim. [...] Muitas vezes, as pessoas empregam livremente certos termos – como “teoria” ou “feminismo” - não são necessariamente praticantes cujos hábitos de ser e de viver incorporam a ação, a prática de teorizar ou se engajar na luta feminista. Com efeito, o ato privilegiado de nomear muitas vezes abre aos poderosos o acesso a modos de comunicação e os habilita a projetar uma interpretação, uma definição, uma descrição de seu trabalho e de seus atos que pode não ser exata, pode esconder o que realmente está acontecendo. (HOOKS, 2017, p.88)

Nesse sentido, entendemos a prática de teorizar como um ato político, está representa uma forma de poder tal como já debatido e teorizado por Butler (2003) onde nos mostra que o sistema jurídico produz “sujeitos” e que esses sujeitos podem possuir ou não esse poder dependendo de onde se fala, quem fala e qual corpo se fala. É neste sentido que a educação, enquanto formalizadora de “condutas adequadas” pode ser uma forma primeira de desconstrução das mais variadas formas de violência contra a mulher na educação Fagundes (2001).

Compreendemos que as narrativas das estudantes é uma importante ferramenta no combate as formas de violências manifestadas no ambiente escolar, desde que o/a pesquisador se coloque no lugar de facilitador da manifestação teórica dessas jovens,

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

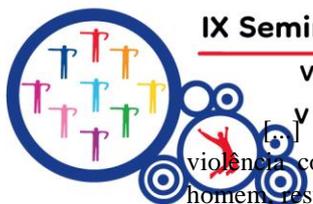
V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sistema Jurídico

“transferindo” para estas esse poder, esse sistema jurídico que, como “[...] fenômeno inconsciente e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergente” logo, nesta pesquisa reconhecemos que são as estudantes, as detentoras das experiências que atravessam as relações de poder dentro da escola. Logo, são as estudantes que vivenciam as formas de violências do cotidiano escolar e a história que se escreve no tempo presente.

Dessa forma, quando Sena (2022) aponta as dificuldades vivida com o TJAM para a obtenção de dados para sua pesquisa nos mostra como o discurso heteronormativo hora falado hora escrito afeta não apenas o gênero ignorantemente nomeado como sexo frágil, o feminino, pode afetar também toda e qualquer manifestação de gênero, mas, são os corpos das jovens em formação com suas identidades de gênero em construção os mais afetados pela violência segundo o Atlas da violência 2023, segundo este mesmo levantamento, são as jovens negras com idade entre 14 e 19 anos de idade as mais impactadas pela violência contra a mulher, logo identidade feminina e as violências sofridas não se restringe apenas ao sexo ao nasce, mas sim ao gênero performado Butler (2015) e seus atravessamentos tais como a raça já aponta Hooks (2017) pois, o gênero não é o único marcador do feminino, esse é atravessado por diversos marcadores históricos, sociais, econômicas, educacionais, raciais e tatos outros.

Desta forma, um discurso enunciado pela escrita ou pela fala quando invisibilizado ou anulado tem seu real sentido distorcido e/ou anulado, tendo como resultado mais violência, dor e sofrimento principalmente para as pessoas com identidade de gênero feminina.

Sena (2022) contribuiu grandiosamente ao mapear as primeiras correntes teórica do femismo no Brasil, estas segundo a autora, datam da década de 80 influenciada por teorias Europeias e Americanas para discutir o processo histórico de violência sofrido pelas mulheres utilizando-se do trabalho desenvolvido por Matos (2010), Ventura (2019) e Santos e Izumino (2005), estes últimos autores dividiram essas correntes teóricas no Brasil em três, são elas



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Violência contra as mulheres como expressão de dominação masculina, define a violência contra as mulheres como expressão de dominação masculina, resultando na anulação da autonomia da mulher, concebida tanto como “vítima” quanto como “cúmplice” da dominação masculina; a segunda corrente, que chamamos de **dominação patriarcal**, é influenciada pela perspectiva feminista e marxista, compreendendo violência como expressão do patriarcado, em que a mulher é vista como sujeito social autônomo, porém historicamente vitimada pelo controle social masculino; a terceira corrente, que nomeamos de **relacional**, relativiza as noções de dominação masculina e vitimização feminina, concebendo violência como uma forma de comunicação e um jogo do qual a mulher não é “vítima” senão “cúmplice”. (SANTOS; IZUMINO 2005, p. 148)



Como destaca Sena (2022), os anos oitenta foi marcado pela abertura política do Brasil, neste mesmo período o fortalecimento dos movimentos feministas fez surgir questões mais específicas para a agenda de lutas das feministas, como o direito a saúde e o combate da violência contra a mulher, a autora ressalta que “A literatura em torno da violência contra a mulher no Brasil tem origem neste período, constituindo-se principal objeto de estudo das feministas.” (SENA, 2022, p.33).

No cenário atual, as lutas feministas passam a penetrar com maior solidez em espaços sociais, acadêmicos, laborais, políticos, da grande mídia, redes sociais e das políticas se fazendo presente em governos populista e ditatoriais sejam estes governos de esquerda ou direita.

Esse processo começou a ganhar corpo no Brasil com as Marchas das Vadias, que tiveram início em 2011, protagonizadas especialmente por mulheres muito jovens, mas muitos outros protestos e marchas somaram-se a essa “explosão feminista”: a Marcha das Margaridas, das camponesas de todo o país, a Marcha das Mulheres Negras, os protestos contra Eduardo Cunha, então presidente da Câmara de Deputados, e seus projetos de lei, as ocupações de escolas e universidades em 2015 e 2016. Coletivos de mulheres começam a aparecer nas escolas, nos sindicatos, nas universidades, bairros. Oficinas de antiprincesas, livros infantis que têm como personagens principais meninas e mulheres, documentários, grupos de Madalenas e Teatro das Oprimidas, somaram-se a essa nova “onda feminista”. Além disso, viu-se muita atuação nas redes sociais, através de Blogs, imprensa alternativa, grupos de hip-hop feminista (Batalha das Mina) e funkeiras, grupos de dança, batucada feminista, oficinas de cabelo crespo, artesanato, entre outras manifestações culturais. Em 2017, 2018, 2019 e 2020, junto com mulheres de toda a América Latina e outras regiões do mundo, o dia 8 de março foi marcado por greves e muitas manifestações, chamadas de 8M. Em 2017, o congresso Fazendo Gênero e Mundos de Mulheres15 reuniu cerca de 10 mil pesquisadoras, estudantes e militantes na Universidade Federal de Santa Catarina. E, em 2018, em meio ao processo eleitoral, o movimento #EleNão reuniu centenas de milhares de mulheres por todo o Brasil. (PEDRO; WOLFF E SILVA, 2022, p.22-23)



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero e Saúde e Sustentabilidade



A educação, apesar de ter sido uma ferramenta de continuidade e insegurança jurídica e de políticas públicas no Brasil com governos populistas de direita e extrema direita que teve início com o Golpe político de Michel Temer (2016) e a presidência de Jair Bolsonaro (2018), está ainda se mostra como uma importante ferramenta para se combater a violência contra a mulher, Sena (2022, p.51) afirma que

“Apesar do Brasil possuir um arcabouço jurídico e políticas públicas de enfrentamento à violência contra mulher pode-se afirmar que o país avançou pouco em relação a redução dos índices de violência, todavia, a temática ganhou mais

visibilidade no cenário nacional e estadual. [...] Diante deste cenário, as instituições de ensino, possuem um papel estratégico no desenvolvimento de políticas públicas de enfrentamento à violência.” (SENA, 2022, p.51)

Na contramão desse processo histórico de conquista no tempo presente, os números de casos de violência como assassinatos, feminicídio, estupro, violência doméstica, desigualdade salarial e de representação política continuam altos no Brasil, segundo o Atlas da violência de 2023 “Somente em 2021, de acordo com os registros oficiais do Ministério da Saúde, 3.858 mulheres foram assassinadas no Brasil.

“Especificamente durante o período pandêmico, entre 2020 e 2021, 7.691 vidas femininas foram perdidas no país.” (CERQUEIRA; BUENO, 2024, p.43) ou seja, mesmo que as lutas feministas tenham possibilitado as mulheres ocuparem cada vez mais espaço em diferentes seguimentos da sociedade, a violência e a desigualdade continuam sendo a tônicas nas relações de poder no Brasil quando o tema é o combate da violência contra as mulheres.

Os números sobre a violência proferida contra adolescentes e jovens sem separação por gênero mostra que a taxa de homicídio teve uma leve diminuição entre os anos de 2011 a 2021 no Brasil segundo o Atlas da Violência de 2023. Os números, ainda assim se mostram bastante perturbador, principalmente quando se olha para a realidade das regiões Norte e Nordeste do Brasil corroborando com os achados de Sena (2022) ao investigar a violência contra mulher na cidade de Manaus. O Estado do Amazonas é um dos Estados federativos mais perigosos para adolescente e jovens em idade escolar e a

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

Bahia figura quinta posição no quadro das UF com o menor recorte da tabela abaixo feita pelo Atlas da Violência de 2023.

Número de homicídios de adolescentes de 15 a 19 anos por UF – Brasil (2011-2021)

	Número de homicídios de adolescentes											Variação (%)		
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2011 a 2021	2020 a 2021	2016 a 2021
Brasil	8.144	9.337	9.649	10.348	9.988	10.707	11.152	9.249	6.538	6.780	6.002	-26,3	-11,5	-43,9
Acre	21	27	32	35	24	73	107	78	54	56	32	52,4	-42,9	-56,2
Alagoas	420	433	475	471	380	405	406	279	188	221	189	-55,0	-14,5	-53,3
Amapá	46	60	59	60	60	98	70	98	99	63	96	108,7	52,4	-2,0
Amazonas	243	178	192	181	224	210	222	227	213	183	249	2,5	36,1	18,6
Bahia	1.000	1.218	1.116	1.136	1.124	1.396	1.486	1.266	1.043	1.178	1.129	12,9	-4,2	-19,1

Fontes: GEAD/Copis/DPE/IBGE e SIM/CGIAE/ SVSA/MS.

Elaboração: Diest/Ipea e FBSP.

Obs.: O cálculo efetuado, tanto para o número de óbitos quanto para a população, levou em conta apenas os indivíduos entre 15 a 19 anos de idade.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



Quando nos referimos a realidade de violência contra mulheres no Brasil o recorte abaixo nos dá um panorama geral desta situação no Brasil e seus Estados respectivamente. No recorte da tabela a seguir os Estado do Amazonas e da Bahia continuam a figurar a quarta e quinta posição entres os Estados brasileiros como os mais violentos para as mulheres, acompanhando os números da juventude apontado acima, ou seja, tanto as mulheres quanto nossos jovens são as maiores vítimas da violência no Brasil. E as regiões Norte e Nordeste são as mais afetadas, não por acaso, são essas regiões que tem os priores índice de desenvolvimento humano e educacional.

Número de homicídios de mulheres por UF – Brasil (2011-2021)

	Número de homicídios de mulheres											Variação (%)		
	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2011 a 2021	2020 a 2021	2016 a 2021
Brasil	4.522	4.729	4.769	4.836	4.621	4.645	4.936	4.519	3.737	3.833	3.858	-14,7	0,7	-16,9
Acre	18	16	32	20	19	23	34	35	32	27	28	55,6	3,7	21,7
Alagoas	138	133	142	125	95	101	111	67	90	89	65	-52,9	-27,0	-35,6
Amapá	19	17	19	20	18	17	27	15	19	22	19	0,0	-13,6	11,8
Amazonas	81	118	96	80	115	116	115	127	118	85	135	66,7	58,8	16,4
Bahia	449	437	423	385	382	441	487	427	396	444	463	3,1	4,3	5,0

Fonte: SIM/CGIAE/SVSA/MS.

Elaboração: Diest/Ipea e FBSP.

Obs.: O número de homicídios de mulheres na UF de residência foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35, ou seja, óbitos causados por agressão mais intervenção legal. O cálculo efetuado levou em conta indivíduos mulheres da população.

Sobre o conceito de violência contra a mulher, Sena (2022) apoia suas discursões referenciada pelas correntes feministas e do marxismo a partir dos estudos desenvolvidos por Heleieth Saffioti, atribuindo ao patriarcado grande fonte dos problemas em torno da violência contra a mulher, Sena (2022, p.34) comentando sobre seu próprio trabalho diz: “Cumprer destacar que esta dissertação utiliza-se da Teoria do Patriarcado para analisar o fenômeno da violência contra a mulher.” e continua seu argumento “Saffioti (2015) afirma que, sem conceitos precisos, pode-se pensar estar falando de um fenômeno, enquanto se fala de outro. Dito isto, a autora define violência de gênero como uma categoria mais geral, que inclusive pode abranger a violência doméstica e a intrafamiliar.” (SENA 2022, p.35).



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



Olhando numa outra perspectiva, a ideia de que acreditar numa definição fixa para o conceito de violência contra mulher se mostra problemático, tendo em vista sua abrangência conceitual/teórica (relacionada a base teórica, o autor e as bases metodológicas), política (considerando qual o público da ação, o impacto das políticas públicas, formas de mensurar os resultados, o financiamento), jurídica (envolve a legislação, manutenção ou não do poder, como se aplicar), social (como afeta a sociedade e as relações sociais), cultural (ligada aos valores e normas culturais).

A presunção política de ter de haver uma base universal para o feminismo, a ser encontrada numa identidade supostamente existente em diferentes culturas, acompanha frequentemente a ideia de que a opressão das mulheres possui uma forma singular, discernível na estrutura universal ou hegemônica da dominação patriarcal ou masculina. A noção de um patriarcado universal tem sido amplamente criticada em anos recentes, por seu fracasso em explicar os mecanismos da opressão de gênero nos contextos culturais concretos em que ela existe. (BUTLER, 2018, p.17)

Posto isso, estudar a violência contra a mulher a partir da categoria "violência de gênero" revela-se uma abordagem mais assertiva, pois, assim é possível reconhecer que a mulher não é um conceito/categoria universal, fixa e generalista, mas sim, um conceito/categoria que antes de qualquer norma estabelecida são pessoas constituídas e atravessadas por uma subjetividade que se intersecciona com diferentes elementos de uma dada sociedade: políticos, sociais, culturais, econômicas e raciais.

Assim, o conceito de violência contra mulher neste momento histórico pode ser considerado limitado, pois está falsamente e intrinsecamente ligada a forma como às normas heteronormativas apoiadas numa narrativa jurídica, política e cultural impõe de forma assimétrica as formas "corretas" na relação de poder que orbita sobre as categorias de mulher e do gênero, uma vez que este tem como referência apenas o binarismo homem/mulher, não concebendo as demais identidades de gênero e, quando isso ocorre é de forma distorcida ou limitada por grupos sociais em posição de poder que compõe a sociedade.

Após as questões levantadas em torno da violência contra a mulher, Sena (2022) faz uma apresentação das instituições escolares onde se levantou os dados analisados,

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileira Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

seguidas dos principais acordos internacionais, Brasil em torno do combate da violência contra mulher e seus desdobramentos em Leis e políticas públicas para o campo da educação e educação de jovens e adultos (EJA) resgatando seus avanços e retrocessos.

O retrato da violência contra mulher a partir da representação social de estudantes da EJA da cidade de Manaus contou com a contribuição de 121 estudantes que responderam ao questionário, desta 31 participaram das entrevistas semiestruturadas, estas participantes tinham entre 15 e 64 anos de idade. A autora aponta que 6 estudantes se negaram em participar da pesquisa mostrando a resistência em se falar sobre o tema. Dos tipos de violência citados pelas estudantes, 31% se refere a violência moral, 30% psicológica, 25% física, 8% patrimonial e 6% sexual, segundo Sena (2022, p.87) “[...] as narrativas das entrevistadas, transmitem as feridas interiores ainda não cicatrizadas nestas mulheres, as quais tiveram suas vidas e de seus familiares afetadas por este fenômeno chamado de violência.”

Apesar de se utilizar do conceito “narrativa” para relatar as experiências de violência vivida pelas estudantes da EJA, este conceito se mostrou vago e sem uma conceituação específica e demonstra fragilidade para analisar as falas das estudantes a partir desta.

Um outro dado destacado nesta pesquisa é o motivo pelo o qual as mulheres vítimas de violência permanecem na relação abusiva, segundo Sena (2022) o medo corresponde a 39%, dependência emocional 29%, filhos 19%, amor 7% e cegueira e insegurança 3%. O que se observa, é que, quando pontuado os motivos que levaram as mulheres a permanecerem numa relação de violência, fatores emocionais e afetivas são os mais citados constatando que “a violência psicológica é tão naturalizada dentro de um relacionamento, que a mulher não percebe ser vítima dela.” (SENA, 2022 p.94), reafirmando a necessidade da assistência psicológica e social para esse público dentro do ambiente educacional.



Na conclusão de sua pesquisa, a autora traz estes elementos “[...] que a escola também é palco de violência, permeada pelas relações de poderes que se inscrevem nas várias dinâmicas sociais estabelecidas no espaço escolar.” (SENA, 2022 p.101) isto revela o papel catalizador que a escola e a educação podem desencadear na vida de mulheres vítimas de violências, possibilitando tirar estas da condição de oprimidas para de pessoas comprometidas com sua libertação, nesse sentido, apontamos que “A libertação autentica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificada. É práxis que implica a ação e reflexão dos homens sobre o mundo para transforma-los.” (FREIRE, 2005, p.77) sendo este o verdadeiro poder tecido pela a escola, a educação e todos/as que efetivamente a compõe.

A dissertação de Schneider (2022) se mostra como um exemplo dessa “libertação autentica”, a autora na introdução de seu texto nos mostra a partir de seu autorrelato de vida como a violência de gênero está ligada intrinsecamente a suas questões sociais e culturais, bem como estas reverberam sua estrutura social e psíquica “[...] me envolvi em relacionamentos tóxicos, nos quais me deparei com a violência e hoje compreendo que permiti que ela chegasse em minha vida a partir de crenças, medos, culpas, que foram sendo construídos e consolidados durante toda minha trajetória.” Schneider (2022, p.14), este relato nos também a dimensão de como essa forma de violência tem o caráter interseccional debatido nas dissertações anteriores

Assim, Schneider (2022) adota como base teórica e metodológica o estruturalismo construtivista desenvolvido por Pierre Bourdieu, utilizando deste para realizar a análise dos dados levantados e ancora suas discursões na lógica da rota crítica criada pela pesquisadora Montserrat Sagot apoiado em outros autores.

Dessa forma, a complexa interação entre a cultura, o poder e as práticas sociais em volta da violência de gênero analisadas pela pesquisadora encontram alicerce a partir de dois conceitos base apresentado por Bourdieu (1979), (1996), (2004) e Wacquant (2007) que são: habitus feminino e trajetória social. Resumidamente a trajetória social diz respeito ao percurso individual de uma pessoa dentro de uma estrutura social enquanto

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

que o habitus se refere ao conjunto de práticas e representações transferíveis entre atores que os indivíduos desenvolvem ao longo de suas vidas, moldadas por suas condições sociais e vivências e segue a seguinte lógica

O habitus primário e, especificamente no contexto desta pesquisa, o habitus feminino, adquirido na família, nas experiências educacionais, é estruturante no sentido que ajuda a moldar as práticas atuais e futuras. É uma estrutura e por não ser aleatória, é ordenada sistematicamente, ou seja, segue padrões. As disposições do habitus secundário acontecem a partir do habitus primário, quando as mulheres passam a interagir e se movimentar por diferentes campos distintos daqueles de origem. Estes também estruturam suas vidas e trazem novas crenças, costumes que podem chocarem-se com o seu habitus primário, bem como podem trazer reflexões e provocações, podendo ressignificar o mesmo. Afinal, o habitus primário é durável, porém, não é estático; é passível de movimento. (SCHNEIDER, 2022, p.21)

Para trabalhar o conceito de violência contra a mulher Schneider (2022) tem como base o referencial de Bourdieu (1996) e Segato (2018). Suas reflexões são feitas a partir dos conceitos de violência, dominação e poder simbólicos. Para realizar as análises das trajetórias educacionais das mulheres vítimas de violência Schneider (2022) o faz referenciada por Lahire (1997) e Bourdieu (1996).

O levantamento dos dados desta pesquisa, aliado ao recorte teórico e o estado da arte feito por Schneider (2022) reforça o já constatado em pesquisas anteriores, mostrando que o tema da violência de gênero ou violência contra mulher continua tendo grande interesse de pesquisa por pesquisadores/as no Brasil e, que muitas vezes essas pesquisas demonstram uma visão limitada ou engessada sobre a mulher e as formas de violência na

contemporaneidade, pontua a dificuldade na obtenção de dados para sua pesquisa, fato ocorrido igualmente com Sena (2022). Schneider (2022) atribuiu este problema ao fato de sua pesquisa ter ocorrido num período pandêmico diferente do que ocorreu com Sena (2022), para diminuir o impacto deste problema

[...] foi proposto um questionário de cunho quantitativo com o objetivo de compreender o perfil do grupo de mulheres do Projeto Borboleta, trazendo questões como faixa etária, escolaridade, algumas percepções sobre a violência, a escola e a educação. Atualmente, fazem parte do grupo 224 (duzentas e vinte e quatro) mulheres. Destas, somente nove responderam ao questionário, ou seja, 4% de todas as mulheres que participam do grupo. O convite para participar da pesquisa foi feito 3 (três) vezes e reiterado em uma das reuniões que acontecem virtualmente todas as terças-feiras. (Schneider, 2022, p.29)



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



... para que essas mulheres, o recurso mais tangível foi realizar uma análise a partir das fichas dos atendimentos realizados pela equipe multidisciplinar de profissionais. Nesse levantamento foi constatado o atendimento à 719 mulheres no ano de 2019. Destas, 27% relataram que vivenciaram situações de violência na infância ou adolescência, caracterizando a transgeracionalidade da violência. (SCHNEIDER, 2022, p.28)

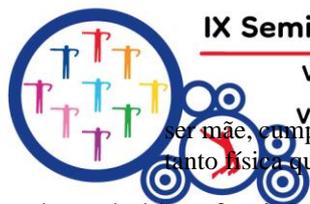
Os dados apresentados em consonância com o levantamento do Atlas da Violência de 2023 e as pesquisas desenvolvidas por Costa (2022) e Sena (2022), fornecem subsídios importantes para reconhecermos o caráter interseccional da violência de gênero. Além disso, reforçam que as mulheres em idade escolar são as mais suscetíveis a esse tipo de violência.

Nesse contexto, destaca-se o papel da escola e da educação, que pode tanto reforçar a violência quanto atuar como um espaço de combater da mesma. Schneider (2022, p.32) corrobora com esse conjunto de informações ao apontar que, “quando questionadas sobre as razões pelas quais acreditam ter sofrido violência, 71,4% das entrevistadas indicaram o fato de serem mulheres. Além disso, ao serem questionadas sobre o papel da escola, 57,1% afirmaram que a percebem como o local onde suas vidas podem mudar.”

Dessa forma, o que está posto pela autora é a existência de um “poder” que permeia a sociedade, que este modela, reforça e estabelece comportamentos esperado para o corpo feminino, este justifica entre outras coisas a violência contra mulher. Do mesmo modo, a escola e a educação também possuem este poder podendo assim combater as diferentes formas de violência contra a mulher Fagundes (2001).

Essa forma de poder trazido por Schneider (2022) e a forma como este reverbera nas forma de violência contra a mulher é diferente do apresentado por Butler (2018), mas com raízes próximas, Schneider (2022) debate o conceito de habitus femininos resgatado por Bourdieu e estudos desenvolvido por Wacquant (2017) que fundamenta a ideia de disposições construídas dentro de estruturas sociais, sendo essas perpetuadas no percurso histórico da humanidade orientando as ações e atitudes dos indivíduos dentro da sociedade.

Logo, abordar o habitus feminino é trazer crenças que foram construídas e solidificadas durante muitos anos, sendo aceitas como verdades como, por exemplo, o fato de que a mulher deve ser submissa ao homem, da necessidade de casar-se, de



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade

ser mãe, cumprindo com os papéis sociais estabelecidos, situações de pressão e violência, tanto física quanto psicológica. (SCHNEIDER, 2022, p.49)



Porém, o habitus feminino, tal como o conceito de gênero não é algo natural, inato as pessoas, mas socialmente construído e internalizado, ou seja, é a forma pela qual a sociedade “deposita” as normas “adequadas” aos corpos influenciando profundamente seus pensamentos e comportamentos, no entanto, essa visão estruturalista se mostra limitada diante da complexidade da experiência humana e da diversidade por trás da diversidade que cada gênero carrega.

Assim, enquanto Butler (2018) se concentra na performance para compreender e debater a diversidade e fluidez que as identidades de gênero carregam, Bourdieu trabalha a ideia de como a posição social e as experiências de vida influenciam a forma como as pessoas agem e percebem a si mesmas e com os outros de forma estruturada, tornando assim a identidade de gênero limitada por impossibilitar enxergar a pessoa como um sujeito total.

Nesse sentido Schneider (2022) avança no debate sobre o papel da escola e educação para atuar no enfrentamento as violências contra as mulheres, além de demonstrar que esta instituição pode reforçar ou não esses habitus e assim fortalecer ou não a violência contra as mulheres. Os dados levantados pela pesquisa de Schneider (2022) através dos relatos das mulheres pesquisadas apontam o caráter libertador que a escola e a educação tiveram em suas vidas, no entanto acentua um olhar binário para as identidades gênero e as relações estabelecidas em nossa sociedade.

Porém, isto não diminui a importância de seu trabalho, principalmente quando este reforça o poder e atuação das mulheres na proposição, formulação e reformulação de leis e políticas voltadas para o enfrentamento das violências contra as mulheres dentro e fora da escola e da educação.

Mais uma vez, fica claro de que a busca pela igualdade de gênero ainda é do feminino, tendo muito pouco, ou praticamente nenhum, eco nos homens, que também são vítimas desta violência, e que a sociedade insiste em fingir demência, invisibilizar e naturalizar. [...] Há um brilho no olhar que mesmo entre a tela, ou a fala cansada e triste que vem pelo telefone, se renova quando a palavra falada é educação. Soa esperança, mudança, movimento e liberdade. (SCHNEIDER, 2022, p.89-91)



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade



Porém, a maioria desses assuntos são vistos como tabus. É urgente que debates sobre gênero, violência e raça sejam cada vez mais aprofundados nas escolas, já que as 94 crianças e os jovens trazem esses problemas para a sala de aula e eles devem ser parte do currículo, nos diferentes componentes curriculares. (SCHNEIDER, 2022, p.94)

O que se percebe até aqui é a força que a escola e a educação têm na libertação das mulheres nas inúmeras formas de violência vivida ao longo de suas vidas, bem como o papel que as escolas e demais instituições, leis e políticas podem ter para mitigar ou não os impactos dessa forma de violência nas esferas públicas e privadas.

Acompanhando o conceito de Rota crítica de Sagot (2007), bem como o conceito de gênero desenvolvido e discutido por Saffioti (2015) e Scott (1995), Tassinari (2020) desenvolve sua pesquisa de mestrado destacando nas primeiras páginas de sua dissertação o importante papel dos movimentos feministas e da educação para o enfrentamento da violência contra mulher, mostrando que esses é

Um avanço resultante destes movimentos pode ser percebido por meio do aumento de mulheres com acesso à educação, inclusive de nível superior. Dados do Censo da Educação Superior, publicados em 2018 revelam que no Brasil as mulheres ocupam a maioria das matrículas (57,2%). Além disso, as mulheres são também maioria entre os ingressantes (55,2%) e concluintes (61,4%) das Instituições de Ensino Superior (IES). (TASSINARI, 2020, p.25)

A pesquisa da autora reforça os achados das pesquisas anteriores mostrando a importância da educação no processo de resignificação na vida das mulheres vítima de violência. Os trabalhos de Tassinari (2020), Schneider (2022) e Costa (2022) mostra uma tendência em pesquisas em programas de pós-graduação no Brasil sobre a violência contra a mulher e de gênero no ambiente educacional, seja no ensino médio,

profissionalizante ou superior. Porém, o que se observa nessas pesquisas é a visão binária para se discutir essa forma de violência, tornando frágil e/ou limitados os resultados encontrados, do contrário, estudos que tem uma perspectiva interseccional possibilita maior profundidade nas reflexões e resultados, sendo estes mais próximos da realidade dessas mulheres.

Para o desenvolvimento de seu trabalho, Tassinari (2022) se destaca ao buscar uma interseção entre educação, saúde e enfrentamento da violência contra mulher realizando sua investigação a partir do conceito de Rota crítica de Sagot (2007) tal como foi feito

IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade

por Schneider (2022). Para sustentar o argumento foi utilizado um vasto referencial teórico para referenciar os conceitos de violência contra mulher, de gênero, rota crítica e os demais que atravessaram sua pesquisa a exemplo de estudos acadêmicos, institucionais e dados estatístico de organizações nacionais e internacionais.

Entres as principais pesquisas, instituições e levantamentos estatísticos utilizada em sua pesquisa de Tassinari (2020) podemos citar: Saffioti (215), Scott (1995), Bandeira, Sagot (2007), Biroli (2018), Gudes; Fonseca; egry (2013), Waiselfisz (2015) e Costa; Serafin; Nascimento (2015), Mapa da violência (2015) e (2018). Entre as instituições e legislações foram utilizadas: Organização Mundial da Saúde (2014), Instituto Avon (2015), Lei 11.340/2006 (Lei Maria da Penha).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apontados pelas pesquisas levantadas evidenciaram a escassez de pesquisas que utilizam narrativas de jovens estudantes para compreender a violência contra a mulher no ambiente educacional. Mostrou também que, apesar dos avanços teóricos e metodológicos no campo dos estudos sobre a violência contra a mulher e de gênero, ainda há uma lacuna significativa quando se trata de ouvir as vozes de estudantes, especialmente em contextos periféricos e de forma interseccionada com outros fatores como a raça, religioso dentre outros.

A pesquisa em andamento, ao adotar uma abordagem narrativa se mostra necessária pois, compreende que “Emoção, valores, experiência vividas no mundo, memórias e explicações narrativas do passado não se mantêm imóveis de modo a permitir certezas” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p.70), assim, uma pesquisa de caráter narrativo, busca não apenas preencher essas lacunas, mas também contribuir para a construção de práticas pedagógicas e políticas públicas mais efetivas no enfrentamento da violência de gênero. Concordamos com as autoras acima ao colocar a escola como espaço de formação e transformação social, com um papel crucial para tal transformação, à vista disso, é urgente que ela se torne um ambiente seguro e acolhedor para todas as estudantes.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileiro. Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Consentimento



Nesse sentido, asseguramos que pesquisas com o intuito de investigar as narrativas das jovens estudantes, especialmente situadas em contextos onde a violência de gênero é naturalizada e pouco discutida como ambiente escolar, periferias ou em ambientes com maior incidência da violência de gênero é de suma importância.

Assim, o presente estudo, bem como a pesquisa em andamento cumpre seu papel em contribuir para o campo teórico desta temática ao trazer novas perspectivas sobre o tema e ao propor ter como objeto de pesquisa, narrativa de estudantes sobre a violência de gênero dentro da escola numa perspectiva interseccional.

Diante de tais circunstâncias, é imperativo incluir discussões ainda mais aprofundadas sobre como a raça, a classe, a sexualidade e outros marcadores sociais das estudantes se interseccionam ou não com a violência de gênero no ambiente educacional. De modo que, é urgente que futuras pesquisas explorem de forma ainda mais aprofundada essas interseccionalidades para compreendermos em profundidade as experiências das estudantes e as melhores formas de afretamentos.

Assim, compreendemos e ratificamos a importância da escola como espaço de transformação social, podendo essa possibilitar o empoderamento de jovens estudantes, meninas, adolescentes, jovens, adultas e idosas, desde que, as letras que decretam as Leis e Políticas Públicas deixem de ser gritos abafado de socorro e do desejo de libertação das mulheres. Que estas transformem-se em ações concretas e efetivas dentro de nossa

sociedade, tendo como foco principal o combate e eliminação das múltiplas formas de violência que pessoas vivem em decorrência de sua identidade de gênero

REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). Atlas da violência 2023. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>

BUTLER, Judith P. Problemas de gênero [recurso eletrônico]: feminismo e subversão da identidade / Judith P. Butler; tradução Renato Aguiar. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. Capítulo 1. Sujeitos do sexo/gênero/desejo.



IX Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

V Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade

V Luso-Brasileira Educação em Sexualidade



HOOKS, bell. Ensinando a transgênero: a saúde, a educação e a prática da liberdade; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2017.

CERQUEIRA, Daniel; BUENO, Samira (coord.). Atlas da violência 2023. Brasília: Ipea; FBSP, 2023. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia>. 2023.

COSTA, Maria Carolina Xavier da. Nossas preciosas: violência de gênero, práticas pedagógicas e acolhimento de mulheres estudantes no ensino médio integrado no Ifrn' 03/10/2022 198 f. Mestrado em Educação Profissional Instituição de Ensino: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Natal biblioteca depositária: Biblioteca Central do CNAT – IFRN. Disponível em: https://sucupiralegado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=13181469#. Acessado em 30 de setembro de 2024.

TOMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo "estado da arte" em educação. Diálogos Educacionais, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 37-50, set./dez. 2006.

FERREIRA, Márcia; NUNES, Georgina. Panorama da produção sobre gênero e sexualidades apresentada nas reuniões da ANPED (2000-2006). A 33ª reunião anual da ANPED. 2010. Disponível em <http://33reuniao.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT23-6147--Int.pdf>. Acesso em 20 de junho de 2020.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 45 Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho (org); PASSOS, Elizete Silva (org); LEAL, Edmar (org). Ensaio sobre gênero e educação. Salvador: UFBA, Pró-Reitoria de Extensão, 2001. (Série UFBA em campo: estudos)

SANTOS, Claudiana Bomfim de Almeida. Ocorrências violentas nas relações afetivo-sexuais de jovens estudantes da rede pública de ensino do município de Feira de Santana – BA. 21/07/2020 166 f. Mestrado em SAÚDE COLETIVA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, Feira de Santana Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UEFS Julieta Carteador. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> Acessado em 30 de setembro de 2024.

SCHNEIDER, Cristiane. **Trajetórias Sociais e Educacionais de Mulheres Vítimas de Violência**' 03/03/2022 114 f. Mestrado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre Biblioteca Depositária: PUCRS. Disponível em: <https://sucupiralegado.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/>

